

“Nem agouro, nem superstição”: a morte e os mortos a partir de uma cosmologia católica sertaneja¹

Maria Cinthia Pio de Oliveira (UFPE)

Palavras-chave: Agouros de morte, Mortos, Cosmologia Católica.

Entre os anos de 2021 e 2022, realizei uma pesquisa etnográfica junto à comunidade católica do povoado de Pelo Sinal, em Solidão, uma das dezessete cidades que compõem a microrregião do Sertão do Pajeú, no estado de Pernambuco (Imagem 1). A pesquisa teve como objetivo compreender os significados atribuídos por esta comunidade ao que chamamos de *agouro*, presente em relações familiares específicas e em circunstâncias relativas à morte. Adentrei esse tema não à toa. Sendo minha família oriunda de um sítio muito próximo do povoado, devo ao lugar algumas das minhas primeiras impressões sobre a morte e os mortos, sobretudo porque, em função da morte de meu pai, que foi velado e sepultado no cemitério local, coincidiu de eu “prestar atenção” na maneira como certa ideia de *agouro* apareceu justamente em seu velório. Assim, assumo este tema bastante influenciada pelo acontecimento dessa morte, cujo dano e afetação refletiu na forma como me projetei, me inseri e me fixei no campo em questão. E, para melhor ilustrar meu objeto de reflexão, segue uma ideia do que viria a ser, ou fazer, o *agouro* de morte.

Num ritual de tradição católica, meu pai foi velado na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no centro do povoado, em presença de amigos, familiares e outras pessoas, por mim, desconhecidas. Em dado momento, foi possível observar os gestos de algumas delas que, além dos olhares expressivos de lamento, infligiam toques discretos no corpo do morto. Mais tarde ouvi de familiares o que eu já havia presumido a partir dos cochichos ao longo do velório e que corroboravam com o meu próprio imaginário: se o corpo do morto está “mole”, é morte certa de algum parente². Sendo este o caso do corpo do meu pai, gerou-se certa especulação íntima sobre quem, dentre os nossos, poderia estar próximo da morte. Desconfiaram de uma tia, irmã mais velha de meu pai. Essa mesma tia, por sua vez, desconfiou de si própria, tendo em vista a idade avançada e os últimos adoecimentos. Pelo que percebi, nada disso ocorreu sem algum grau de dúvida por parte

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² A noção de parentesco ganha, aqui, uma conotação mais abrangente do que aquela relacionada à consanguinidade, podendo se estender a amigos, vizinhos, colegas ou conhecidos, próximos ou distantes geograficamente. De modo que essa noção envolve uma relação de afinidade cuja natureza pode variar, conforme as especificidades do contexto sociocultural trabalhado.

de algumas pessoas envolvidas, mas não deixou de me intrigar o fato de que essas “narrativas” permanecessem presentes, a mobilizar um grupo de pessoas em circunstância tão particular, e apesar de uma imaginação ocidental que nega certas sensibilidades (Kuper, 2008). Caso é que, passado um dia do enterro, morre o sobrinho e amigo de meu pai que vinha lidando, em São Paulo, com problemas de saúde, sem que se esperasse tão cedo a sua morte. Associados os dois acontecimentos, o dito *agouro*, assim, concretizou-se.

Imagem 1 – Microrregião do Sertão do Pajeú



Fonte: Mapa adaptado do Sistema de Informação e Gestão da Assistência Social de Pernambuco (2018)

Pelo Sinal compreende uma população predominantemente católica. Autorreferenciada enquanto comunidade, a sua existência ultrapassa os 75 anos em que se comemora a Festa da Padroeira de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. O centro do povoado, onde foi assentada uma praça e a capela, foi doado por Maria Pedro, viúva do patriarca da primeira família que ali se instalou ou que se tem notícia, os Pedros. Os Pedros também era o nome pelo qual o lugar era conhecido, ao que passou a se chamar posteriormente de Pelo Sinal. Para os católicos, este nome se refere à persignação, gesto em que se leva à testa, à boca e ao peito a lateral do polegar direito, no momento em que se evoca a oração de proteção: “Pelo Sinal da santa cruz/ Livrai-nos Deus, nosso senhor/ Dos nossos inimigos/Amém”. Mas a inspiração para esse nome varia nos relatos. Em um deles, imagina-se que uma cruz teria sido colocada em função da morte de algum andarilho ou habitante da região que por ali passava. Em outra versão, diz-se que certa

vez passou pelo local um homem que ninguém nunca soube realmente se se tratava de “um pedinte, de um romeiro ou de uma alma”, mas que pediu água na casa dos Pedros e falou que ali deveria se chamar Pelo Sinal, ficando então esse nome.

Tal como o próprio nome pressupõe, em Pelo Sinal, a prece assume uma importância fundamental para a vida em comunidade. O que pode ser verificado numa variedade de expressões religiosas, como a própria Festa da padroeira com sua novena e seu andor, perante o qual as pessoas se ajoelham para pedir ou agradecer, para fazer ou pagar promessas. Assim como a Via Sacra nas famílias, durante a quaresma, onde cada uma das quinze estações que tratam da morte e ressurreição de Cristo é revivida casa por casa, em ciclos que se repetem até contemplarem todos os, aproximadamente, 120 domicílios de famílias católicas existentes no povoado. Ainda, o Terço em peregrinação, realizado no mês de outubro, mês missionário, também em todas as casas católicas. E o Terço dos Homens, que reúne na capela, semanalmente, um pequeno público de homens jovens, adultos e idosos, e que integra eventos como visita aos enfermos e velórios. Além do mais, anualmente, um grupo de católicos e católicas se organiza para visitar o Juazeiro do Norte, no Ceará, local de peregrinação e devoção ao Padre Cícero. E mesmo Solidão, a intitulada “cidade cheia de glória”³, é um desses redutos de fé e milagre para o qual romeiros, peregrinos e curiosos de muitos lugares se deslocam, tal como a população católica de Pelo Sinal.

A integração entre comunidades católicas, de Pelo Sinal e dos demais sítios e povoados circunvizinhos, além de propiciar o fortalecimento da fé cristã, evidencia uma diversidade de temas mobilizados a cada missa pelos diferentes padres que circulam na região. Em meio a isso um determinado discurso sobre *agouros* e superstição aparece de forma variada e nem sempre aparente. Devido a esta pesquisa, por exemplo, o tema se tornou mais recorrente, pois, do contrário, ele permanece na intimidade dos lares ou em conversas eventuais, fortuitas. Da mesma forma, a noção de superstição parecia atrelada aos *agouros* como uma forma genérica de compreendê-los, ou porque estes se explicariam mais facilmente como consequência de um medo irracional da morte, como coisa que não se deveria “botar na cabeça” sob risco de uma depressão, ou, ainda, porque os *agouros* eram simplesmente “narrativas”, histórias passadas de família para família e que, se um

³ Solidão, reúne um número consideravelmente grande e variado de pessoas advindas de todo o Nordeste em função do turismo religioso ali praticado e que se deve a dois importantes locais sagrados de visitação: a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes e o Cristo Ressuscitado.

dia tiveram algum sentido, não mais encontram correspondência com a realidade presente.

Nas missas realizadas pelos diferentes padres, tanto no povoado, como nas comunidades circunvizinhas, a ideia de *agouros* e superstições aparecem como algo a se extirpar por fugirem da lógica religiosa⁴. Foi o que ocorreu no sítio Lajedo, há 6 km de Pelo Sinal. Na liturgia da palavra, mais especificamente na homilia, parte da missa em que se relaciona e atualiza mais livremente a palavra de Deus e o últimos acontecimentos da paróquia e da comunidade, um padre pede que os fiéis não se submetam a nenhuma espécie de superstição como a que está relacionada à mistura de certos alimentos, como “manga com leite” ou aquela que se refere à aparição de certos animais indicativos de morte, como um “cachorro preto na estrada”. Concluindo em seguida que, em lugar dos fiéis darem atenção a tais superstições, é preferível que eles rezem e que procurem meios, dentro dos ensinamentos da igreja, para se precaverem dessas influências. Atentos, os fiéis pareciam receber as palavras com igual atenção prestada aos demais atos litúrgicos, indicando talvez uma obediência irrestrita às palavras do padre que já se encaminhava para os ritos finais. Mais tarde, ao dialogar com algumas pessoas da comunidade de Pelo Sinal sobre o episódio da missa de Lajedo, elas assim se manifestaram:

Você não pode comer. Não é superstição, é que é verdade, que ofende de verdade, morre, mata! Eu não sei não, não entendo não o que o padre disse. Às vezes... será que o padre diz alguma coisa errada? (Celeste, out. de 2021).

A fim de explicarem o que compreendem sobre *agouros*, as pessoas se amparam ou nas experiências vividas ou nas narrativas historicamente legitimadas. Outros, no entanto, argumentam que é uma questão de fé:

Do meu ponto de vista, a credice, a superstição existe, ao mesmo tempo em que não existe. Porque isso aí, se você for fazer um paralelo com a fé, numa passagem da bíblia diz que o grão de mostarda é o menor grão do mundo, e se a fé de um homem for do tamanho de um grão de mostarda ele move o mundo. Então a credice funcionaria a partir do momento que você acredita. Se você acredita que existe, você é afetado (Cristiano, dez. de 2021).

⁴ O Catecismo da Igreja Católica, texto elaborado por cardeais e bispos com instruções doutrinárias, considera crenças e práticas “supersticiosas” aquelas que “se expressam nas várias formas de adivinhação, magia, feitiçaria e espiritismo”, e são consideradas um “desvio do sentimento religioso”, conforme o parágrafo 2111: “A superstição é um desvio do sentimento religioso e das práticas que ele impõe. Também pode afetar o culto que prestamos ao verdadeiro Deus: por exemplo, quando atribuímos uma importância de algum modo mágica a certas práticas, aliás legítimas ou necessárias. Atribuir só à materialidade das orações ou aos sinais sacramentais a respectiva eficácia, independentemente das disposições interiores que exigem, é cair na superstição” (Catecismo, 1993: 2111).

Em se tratando de fé, na missa de Natal de 2022 realizada na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Pelo Sinal, um padre fala do problema que representa a prática de soltar foguetes, se referindo principalmente ao que acontece na festa dos Romeiros, em Solidão. Para o padre, mesmo se tratando de algo que provém sabidamente de uma religião ou “tradição popular”, para usar as suas palavras, o problema se justificaria pela questão ambiental, que envolveria poluição sonora e queimadas, já que os foguetes são acesos próximo a áreas de mata. Em seu argumento, inspirado no fato de que o Natal é uma época de renovação da vida e da fé na igreja, com o advento de Cristo, ele utiliza a expressão “fé de foguete”, para designar uma espécie de falsa fé. A “fé de foguete” e a “fé vivida”, resume, portanto, um antagonismo existente na relação entre igreja e comunidade. Assim, nesse tensionamento de significados, adquiridos pelas diferentes experiências, a noção de superstição, e por extensão, de *agouro*, ora trata de algo que não tem validade, ora trata de uma crença perfeitamente factível, a qual se assume abertamente, como colocado pela expressão “eu tenho essa superstição”:

“Meu pai não tinha superstição com nada, nada. [Aí um dia] nós tava na roça limpando mato, aí ela [a cauã] começou cantando, em cima de uma lajeiro... que elas sempre cantam na árvore [seca], pode *prestar a atenção*, ela não canta em cima de uma árvore verde/enfollhada, ela só canta numa árvore seca, ou num lajeiro, é coisa assim. Aí nós limpando mato e ela cantando, aí eu disse: “Ave Maria, misericórdia, não gosto do cantado dela não!”. Aí papai sorriu aí disse: “Tu já viu ela cantar de outro jeito? O canto dela é esse mermo”. Aí eu disse: “Não, papai, mas sempre que a gente vê ela cantando, ou adocece alguém ou aconteceu alguma coisa.” Aí ele dizia: “É nada, é vocês que botam na cabeça.” Aí eu disse: “Mas eu não gosto de ver!” [E ele:] “Ói, se ela cantasse de outro jeito, e quando ela cantasse desse [jeito] aí, acontecesse alguma coisa, morresse gente ou adocesse, eu também tinha [medo]. Mas nunca vi cauã cantar de outro jeito, o jeito dela é esse”. Mas eu tenho, nós, eu [e] minha irmã, nós tem superstição. Quando foi com três dias chegou a notícia que a nossa sobrinhazinha primeira tinha falecido, filha de meu irmão. Adoeceu e faleceu. Aí eu disse: “Tá vendo aí que ela veio avisar?”. Nossa mãe, misericórdia! Minha filha, gosto não... Desses dois passarim? [Se referindo também à coruja] E assim, pelo que eu entendo, umas pessoas podem até não acreditar, mas eu só fico [com medo] porque *vejo acontecer as coisas* (Dona Raquel, out. de 2021).

Nesta comunidade, os rituais de morte estão ancorados em práticas cultivadas desde os “antigos”, os “trancos velhos”, que são evocados como referenciais de tradição e identidade. Mas algumas práticas relacionadas à morte que estão presentes em experiências familiares específicas, para além dos dogmas da igreja católica, também incorrem no mesmo problema de legitimação. É o caso de *Lembrar Jesus*. Esta prática não foi observada diretamente em campo, tendo sido realizada pela última vez há pouco mais de seis anos. Porém, mais do que compreendida e recorrente em seus aspectos rituais, ela é uma prática extremamente marcante, sendo raro quem diga que nunca ouviu falar.

Ouvir, inclusive, é algo que torna a prática realizada por Seu Emídio “diferente” de outras já experienciadas na comunidade:

Ave Maria! Eu não gosto nem de falar, o que ele dizia. Tão alto no mundo! Eu mesma fico nervosa, fico assombrada, quando eu ouço aquilo (Jan. de 2022)⁵.

Outra interlocutora, presente nesta mesma conversa, contextualiza baixinho:

É porque ele demora pra dizer [as palavras], aí ele demora e grita. Ela quer dizer isso (Jan. de 2022).

Uma terceira, ainda, conclui:

Eu corro com medo, porque é muito *agourento*. (...) É gritando, ele grita, então mesmo de longe você ouve. Só entra [na casa] quem tem coragem mesmo de entrar. Eu não tenho. Que eu acho feio. Feio quer dizer desesperador, não é? Acho que não seria tão feio [só com] a oração, mas feio o jeito como ele faz, porque se desespera. Ou você se estrutura pra tá ali, pra ver, ou você não fica (Jan. de 2022).

Seu Emídio é um homem de aproximadamente setenta anos e bastante experiente sobre as coisas da morte e do morrer. É ele quem sabe “dizer as palavras” e “entrega” os mortos, se para isto o requisitarem. Em entrevista com seu Emídio, ele descreve o que se passa no momento em que ele é chamara para *lembrar* alguém que está morrendo:

A gente diz assim (eu vou dizer, só que não morreu ninguém, nem é agouro, né!). Diz assim com aquela pessoa, com o nome daquela pessoa (se, por exemplo, se ela se chamava “Maria”, tem que dizer “Maria”, né?). Aí dizia assim: “Maria, quando passares no Rio de Jordão, que o caifás saltar em tua frente e perguntar o que é que traz”, aí você diz: Eu trago cera branca, cordão bento e Jesus crucificado em meu coração”. Aí a pessoa faz e diz consigo mermo: ‘São Pedro, chaveiro do céu, São João Batista e São Gabriel, vem na minha companhia!’. Pronto, diz três vezes, essas palavras. Em voz alta! Em voz alta e com cordão por cima. Que aí pode colocar o cordão feito lacinho em cima, que às vezes [o corpo] já tá no caixão e não dá pra amarrar na cintura (que o certo é amarrar na cintura e deixar o lacinho, mas quando não dá, bota ali em cima da mão). Essas palavras diz, que é pra pessoa dizer na passagem. Que é lá que [os caifás] vão saltar na frente daquela pessoa. Aí eles vão dizer... porque vão perguntar: ‘O que é que tu trás?’. Aí ela vai responder. ‘Eu levo cera branca e cordão bento e Jesus crucificado em meu coração’. Pronto, aí faz a viagem (Seu Emídio, out. de 2021).

Uma vez que *lembrou* muitas pessoas, Seu Emídio possui um conjunto de conhecimentos sobre o momento da morte. Para ele, quem está acompanhando ama pessoa enferma, geralmente algum familiar, tem condições de perceber se ela morrerá em breve ou não. Desse modo, existe um repertório de “sinais” que indicam a morte e que são construídos a partir da experiência daqueles que a vivenciam. Ao ser indagado sobre

⁵ A omissão dos nomes nestas próximas falas diz respeito a uma divergência de valores entre integrantes da comunidade que não é do nosso interesse, nem do interesse dos interlocutores, explicitá-las.

como podemos saber se alguém está para morrer, Seu Emídio responde com a seguinte comparação “É como acompanhar um pé de planta no dia a dia”:

“Você vai botando água, ajeitando ele. Quando você falta aquela aguinha, ele começa murchando. Aí você tá vendo: “Êh, o pé de planta tá sentido, ele tá murchando”. É como aquele doente, você cada dia tando com aquele doente, você vai ver ele enfracando, enfracando, enfracando. E quando você vê ele prostrar, você sabe o que é prostrar? É não se mexer mais. Só se mexer se mexerem [nele]. Tá prostrado ali, não mexe com o pé, não mexe com o braço, não mexe com a mão, só se você mexer com aquela pessoa; a não ser, só [se percebe] o fôlego dele que [ainda] tá respirando. Quando você vê aquele fôlego dele encurtando, encurtando, você bota a mão na perna [e] vê aquele geladinho até no joelho, ali não volta mais quentura não. Não esquenta mais não. Vê os braços esfriar até nos cotovelo, ali não esquenta mais não. Você vê procurar o pulso dele, não encontra mais. Às vezes, já vai aqui o pulso dele, já não vorta mais. Já pode ficar se esperando. E você vê aquela pessoa só naquele rancozinho, estraladinho na garganta. Pronto, tá bem pertinho do fôlego dali acabar ali, sair fora. A barriga já nem mexe mais. Você nem vê mais mexer a barriga, subindo o ar e descendo, não. Pronto. Aí aquele suspiro vai indo, vai levando, levando até sair fora. Quando saiu fora... às vezes tem deles que sai ligeiro, outros demoram. Já vi acontecer [de queimar] até um pedaço da vela, não é? E outros queima bem pouquinho, só quase dá tempo acender, o espírito sai. Quando você vê ele abrir a boca uma vez, quando abre a boca uma vez, às vezes só abre a outra. Quando abrir a boca a outra vez, já não abre mais. Dali já tá com Deus” (Seu Emídio, out. de 2021).

*

“A morte é um mistério”. Uma parte significativa das pessoas da comunidade católica que se disponibilizaram a dialogar comigo sobre este tema, de maneira mais ou menos direta, começam ou terminam as suas falas com tal certeza. E por isso mesmo, porque esse mistério implica necessariamente num esforço de significar algo, é que a morte, para a maioria delas, também não é um fim. Isso quer dizer que existe uma sabedoria de que nem tudo acerca da morte e dos mortos poderá ser explicado, especialmente no que se refere à sua imprevisibilidade, pois, afinal, de acordo com algumas falas: “nós tamo aqui, daqui a pouco nós não sabe onde é que tá”; ou “vou pra casa e não sei nem se eu chego vivo em casa”. Mas acontece que os prolongamentos da existência engendrados nas relações entre os sujeitos vivos, entre os sujeitos vivos e os mortos, além da natureza e a sobrenatureza que os cercam, explicam muitas das coisas deste e do “outro” mundo – inclusive Deus, que é quem verdadeiramente “sabe”, que é quem “dá o parecer”. Assim, aquele que morre, e o seu destino e a sua agência entre os dois mundos, também é um “segredo” de Deus. Mas então, o que se pode saber e o que se cultiva sobre a morte e os mortos na comunidade católica de Pelo Sinal?

Passava por uma estrada em direção ao cemitério, quando me encontrei com uma senhora que carregava um maço erva cidreira nos braços, tinha acabado de colhê-lo no mato. Seu nome era Miúda. Ela olha pra mim, eu a cumprimento e paramos um instante

para conversar. A gente se apresenta, se afina quanto ao parentesco. Ao final lhe peço um pouco da erva, coisa que ela me cede, e seguimos, cada uma, o nosso caminho. Meses depois, quando eu já tinha conversado com várias pessoas, lembrei dessa senhora que talvez pudesse me conceder uma “boa” entrevista no que se referia aos *agouros*. Fui a sua casa, perguntei se podíamos nos encontrar para essa finalidade, contextualizei o pedido e ela aceitou. No dia seguinte fui entrevistá-la. Ao chegar, entrei no assunto do catolicismo, da morte e, finalmente, dos *agouros*. No entanto, dona Miúda não só não tinha histórias ou experiências sobre *agouros*, como sobre “essas coisas” de nada sabia. A entrevista tornou-se desconcertante, se não para ela, para mim, ao me flagrar tentando enquadrar os “dados” já coletados a certas expectativas que eu tinha do campo. Assim, como recurso de provocação acerca do tema da morte, de forma mais genérica, já que sobre *agouros* eu nada conseguiria, entrei no tema dos sonhos, bastante relatado nas entrevistas anteriores. Então, seguiu-se o diálogo:

A senhora já sonhou com alguém, com algum parente seu que já se foi? Eu já sonhei com minha mãe, muitas vezes. **De que maneira? Ela viva?** Ela chega. Muitas vezes eu lavando troços na pia, e via aquele assopro no meu ouvido, fazia [reproduz o ruído alongado de um sopro], aí... **Era ela.** É. Ela fumava muito, muito... eu sentia o cheiro de cigarro. Pra mim, ela tava fumando perto d’eu. **Mas a senhora acordada?** Acordada mesmo, lavando os troços na pia. E ela aparecia assoprando nos meus ouvidos, e aquele cheiro de cigarro. Ela fumava muito! Aquele cheiro de cigarro... Essa semana, essa semana mesmo eu senti, um cheiro de cigarro dela. Eu tava barrendo a casa e aquele cheiro, aquele cheiro gostoso (Dona Miúda, mar. de 2022).

Dona Miúda, embora católica convicta, acredita ser um “ofertamento” querer estar o tempo todo em toda missa, “no pé do padre”, e cita seu pai, que sempre dizia: “Deus falou: faça por si que eu faço por todos, mas não faça nada forçado”. A denominação do ser católico, posta em questão frente às diferentes realidades que coexistem no povoado, ou mesmo nas diferentes percepções dentro de um mesmo catolicismo ali praticado, diz respeito a um catolicismo dinâmico que se reproduz não só a partir de suas representações internas, mas que transitam do centro às suas margens, gerando um movimento a partir do qual os fiéis interpretam e reinterpretam os discursos e as práticas convencionadas.

A ideia de *agouros* de morte continua presente e é reconhecida pela comunidade, sendo a partir dela que aprofundamos os diálogos acerca do tema da morte, como se pôde observar. Mas também ficou evidente certa variação da noção de *agouros* que ora é legitimada, ora é posta em questão, aparecendo mesmo como negatividade, uma vez que está associada comumente à noção mais ampla de superstição. Assim, mesmo legitimada por aqueles que afirmam ter tal ou qual superstição, essa noção de *agouro* reaparece em

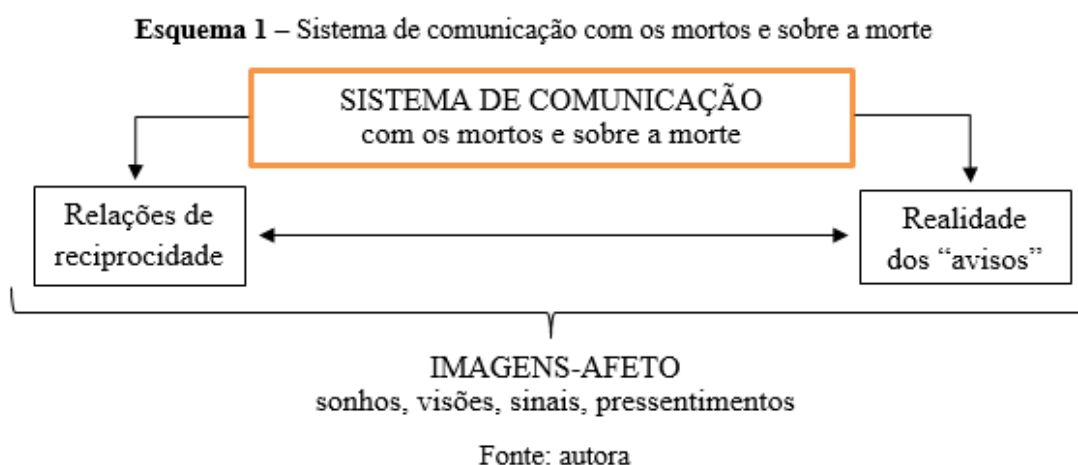
outras categorias, quais sejam, *avisos*, *sonhos*, *visões*, *sinais*, *pressentimentos*. Nesse sentido, o ato de agourar ou a qualidade de agourento só se manifestam como categorias de acusação, as quais partem da lógica, ao mesmo tempo simplista e pragmática, de que são “coisas” que não se deve “botar na cabeça”, pois, se elas acontecem é porque se “pensou demais”:

Tem gente que é [incrédula]. Eu mesmo acredito, porque acontece. Aí quando eu contava às mulheres elas diziam: “Ô mulher, apois tu pensou tanto que aconteceu”. Aí eu digo: “Não! É porque mandavam avisar, né?!” Eu avisava pra ele [o filho], mas ele achava que não ia acontecer... (Dona Lúcia, nov. de 2021).

Dito isto, é de se considerar que, em um caso típico, as consequências nefastas que decorrem daquilo que na perspectiva nativa é chamado de “aviso” não são coisas exatamente agradáveis de se pensar ao ponto de que se deseje conscientemente que elas se realizem. Então, parece que existe uma ordem que é exterior àqueles que recebem e incorporam tais avisos, algo ou alguém que manda avisar. Nesse sentido, o conteúdo dos agouros permanecem, mas através de outras categorias, que emergem a fim de reatualizar o sentido de agouro como algo não supersticioso, isto é, como algo real. Logo, o que se torna problemático no tratamento dado à categoria de agouro na literatura folclorista não é a sua associação direta ao que alguns autores classificam como superstição, já que foi possível, a partir de seus estudos do folclore, relativizar e colocar em pé de “igualmente” sociedades diversas, como Cascudo (2005, p. 837), ao dizer que “a elevação dos padrões de vida, o domínio da máquina, a cidade industrial são outros tantos viveiros de superstições, velhas, renovadas e readaptadas às necessidades modernas e técnicas”.

Mas sim, o problema consiste na questão de que “fatos folclóricos”, como qualquer fato, carecem de contextualização. Para Roy Wagner (2010), quando se trata da invenção da cultura e do poder dessa invenção, a comunicação e a expressão significativa são mantidas por meio dos elementos simbólicos que podem ser palavras, imagens, gestos, dentre outros que, se isolados e vistos como coisas em si mesmas, perdem seu significado. De modo que são necessárias associações ou oposições desses elementos nos diversos contextos para que possamos significá-los. Para esse autor, portanto, o significado é uma função das maneiras pelas quais criamos e experienciamos contextos (Wagner, 2012, p. 77). Dessa maneira, os fatos folclóricos, como os ditos agouros, conforme se apresentam, *a priori*, para os folcloristas, dizem mais sobre a concepção intelectualista desses autores que são, claro, homens do seu tempo, do que sobre a diversidade dos conteúdos culturais produzidos pelas sociedades por eles estudadas.

Mas então, não sendo “agouro” ou “superstição”, de que maneira se dá essa “realidade”? Em termos objetivos, existe nesta comunidade um repertório de imagens que diz respeito às relações entre os sujeitos vivos e os mortos. Essas imagens não são percebidas e construídas única ou hierarquicamente através da visão, já que há diferentes formas de perceber e experimentar a realidade. Então, para melhor nos expressar, chamaremos o conteúdo desse repertório de “imagens-afeto”⁶. Esses dois conceitos, afeto e imagem, se conjugam no intuito de abarcar determinada realidade acerca da morte e dos mortos, ensejadas nas “relações de reciprocidade”, fundamentada pelas trocas, ritos e obrigações para com o morto, que, por si só, já expõem um sistema de comunicação. Mas, a esse sistema, no contexto dessa comunidade, também são incorporados os avisos, os quais informam não só sobre as relações entre os vivos e os mortos, mas também sobre a morte (Esquema 1).



Um aviso é algo que se tem, que se sente e que se vive, sendo, desse modo, uma experiência⁷. Na dinâmica desse sistema, a experiência (ou realidade) dos avisos e as relações de reciprocidade estão ligadas mutuamente, de modo que o produto dessa interação é o que chamamos de imagens-afeto, as quais, uma vez elaboradas e compartilhadas, tomam a forma de sonhos, visões, sinais e pressentimentos. Os avisos

⁶ Consideramos a dimensão de afeto que vem sendo discutida no campo cosmológico, em Reesink (2012), assim como na perspectiva de Fravret-Saada (2005), em “ser afetado” e Rosaldo (2019), acerca do conceito de “pensamento incorporado”.

⁷ Podemos tomar por experiência a concepção de Victor Turner de “experiência vivida”, destacado por Dawsey (2005), que a descreve em cinco momentos: a) algo acontece ao nível da percepção, b) há evocação de imagens de experiências do passado, c) emoções associadas aos eventos do passado são revividas, d) o passado articula-se ao presente, tornando possível a descoberta e a construção do significado; e e) a experiência se completa através de uma forma de expressão, performance enquanto o momento da expressão.

ocorrem, ainda, em momentos inesperados e, por isso, são distintos dos acontecimentos cotidianos. A pessoa que tem avisos é recipiente, ela não consegue agir a fim de tê-los, até porque isso é um “privilégio” que requer uma condição especial, um estado de “graça” ou um “corpo aberto”, propriedades estas concedidas somente por Deus. E assim como Deus permite a alguns fazerem a passagem do mundo dos mortos para o mundo dos vivos, numa economia de salvação, Deus também permite que os avisos ocorram:

Pra mim [a morte] é a coisa mais triste do mundo. Morreu, acabou. Mas no fim, eu ainda tenho uma fé que [no] que Deus deixou dito pode ser que tenha outro mundo, não é? **E essas visões, esses sonhos que a senhora tem, é desse “outro mundo”?** Eu acho que é. **E por que essas pessoas [os mortos, as almas] aparecem pra gente, [os vivos]?** Acho que é enviado por Deus. Não é todo mundo que vê, não é todo mundo que tem o privilégio de ver alma, não (Dona Lúcia, nov. de 2021).

Sendo esses avisos “coisas do além” ou do “outro mundo”, supõe-se que eles sejam mandados justamente pelos mortos, que detém certos poderes que não são concedidos aos vivos. Então, a agência dos vivos parece se restringir à prece, que se apresenta como um “instrumentos de diálogo” com os mortos (Reesink, 2009). Isso porque muitas pessoas que pedem para “ver” ou “sonhar” com seus entes queridos geralmente não são contempladas. Já no contexto trabalhado por Reesink (2009, p. 48), parece mais evidente que a comunicação através do sonho pode ser “incitada pela iniciativa dos demandadores”. Em Pelo Sinal, no entanto, ocorre dessa forma:

O povo tem um dizer que você sonha com aquela pessoa porque vive pensando. Não é não. Porque mais do que eu pensei na minha mãe e meu pai, que morreu de repente, sem a gente esperar... Aí eu fiquei com aquilo, aquela lembrança a vida inteira, passei muito tempo, eu demorei muito a esquecer e eu nunca sonhei com ele, nunca vi. (...) Pronto, aí eu fiquei com isso assim, morreu meu pai, morreu minha mãe, morreu Nelson, meu irmão, meu sobrinho, minha família morreu muita gente e eu nunca, nunca, mulher, vi assim. Nem em sonho, quanto mais... tem gente que vê visivelmente as pessoas assim, dentro de casa, né? (Dona Leni, jan. de 2022).

Os sonhos e a prece seriam duas faces da mesma moeda: de um lado os vivos agem “sobre os seres sagrados” através da prece, do outro, os mortos agem sobre os vivos através dos sonhos, vindo a complementar essa comunicação. Mas não se pode dizer que ambas as coisas encontram-se sempre juntas, pois os mortos só podem se apresentar ocasionalmente, fato que corrobora com Reesink (2009). Também em nosso contexto, sonhar com os mortos não é um acontecimento cotidiano e, no mais das vezes, quando isso ocorre e são cumpridas todas as obrigações que o morto demanda, este deixa de aparecer, já que supridas as suas necessidades. Mas, em Pelo Sinal, o que faz crer que

essa relação entre vivos e mortos não possa ou não deva ser frequente talvez esteja exposto nestas falas:

Quem morre... a gente tem medo, porque não se une mais. **Não se une mais?** Se une não, filha. **Os vivos e os mortos?** É. Não se une com a gente que é vivo, [aquele] que é morto. A gente não se une (Dona Angelita, jan. de 2022).

Porque uma pessoa boa, às vezes, morre e não vai ficar vagando pelo mundo, pensando, mas eu acredito que muita gente que apronta muita coisa, às vezes, morre e pode ficar até vagando pelo mundo. Se pegar uma matéria fraca, pode até se encostar naquela pessoa. Pegar ajuda daquela pessoa, sacrificar aquela pessoa. Porque o morto com os vivos não se dá, não vive (Seu Emídio, out. de 2021).

Sobre isso, podemos fazer uma correlação com aquilo que diz Viveiros de Castro (2012) quando se refere aos “perigos da sujeição envolvidos nos encontros sobrenaturais”, conforme a perspectiva de alguns povos indígenas amazônicos, para os quais, o “medo” dos “brancos” e dos “espíritos”, por exemplo, corresponderia ao fato de que estes são “definidos pela sua radical alteridade”. Nesse mesmo sentido, existe uma percepção na comunidade de que essa relação com os mortos, embora necessária, também pode ser danosa e atrair certo infortúnio:

Bate uma pessoa na porta de vez em quando, você parece que ouviu uma voz... isso já aconteceu comigo. Eu juro que escutei chamando: “Nalva?”. Vou lá fora, não tem ninguém. Mas na minha mente, eu ouvi isso daí. Então a gente, meu Deus, aí a gente pode pensar, “isso aí é um *agouro* de alguma coisa. Não, não vá, não responda, que é ruim...” então eu não respondo, pra evitar dúvida eu vou lá e olho, mas não respondo, não falo nada (Nalva, out. de 2021).

É por isso também que, na comunidade, quando um morto se apresenta em sonho ou visão muitas pessoas evitam “requerer” deles qualquer coisa sob a pena de atrair algo indesejado, conforme supõe o diálogo com Dona Miúda:

Por que a senhora acha que as pessoas, quando elas morrem, elas podem aparecer? Como é isso? Dote de Deus. É Deus que permite. É Nosso Senhor que ajeta. A mãe de comadre Edileusa ali, vez em quando, [eu] via ela sentada ali, ela andando, passando lá pro banheiro. Com o cigarrinho no dedo. Por essa hora [se referindo ao horário que a entrevista estava ocorrendo, no fim de tarde]. Tinha vez de manhã que eu via ela passando. Mas não tive medo não, tenho medo é de quem tá vivo. **E a senhora pergunta o que é que a pessoa quer? Não. Só deixa acontecer.** É, não gosto de puxar não, sabe? Eu tenho pra mim que, se eu for falar, eu tenho pra mim que... sei lá! **Que pode acontecer alguma coisa de ruim?** É. Mas graças a Deus... aí mandei celebrar uma missa pra ela e pronto. Não apareceu mais (Dona Miúda, mar. de 2022).

Perguntar o que o morto quer, demandar ou reclamar dele o que é preciso fazer em função de seu aparecimento é o que a comunidade chama de “requerer”, como informa essa interlocutora, ao contar que pouco consegue ver ou sonhar com os mortos e que nas únicas duas ocasiões em que isto ocorreu ela preferiu não interagir:

Eu vi que era perfeitamente uma pessoa, mas ela não falava nada, nem eu falei. O povo diz que tem uma história de requerer uma alma, não sei como é lá que fala, um negócio assim (Dona Leni, jan. de 2022).

Embora muitas pessoas não consigam ou mesmo evitem *requerer* para saber exatamente do que o morto precisa, se é que ele precise de algo, as preces e as missas são solicitadas para ele mesmo assim, visando garantir que ele siga o seu caminho e não mais volte a aparecer.

Essas experiências demonstram como se dão as relações de reciprocidade que não estão dissociadas dos significados atribuídos aos “avisos” que também estão inseridos nesse sistema de comunicação. No entanto, um “aviso” nem sempre implica a presença dos mortos enquanto mediadores, embora sua manifestação seja proveniente de meios sobrenaturais e divinos. Ao mesmo tempo, diferente do fato de que os mortos só podem aparecer ocasionalmente, os “avisos” podem ser bastante recorrente em determinados períodos da vida de algumas pessoas e, nesse caso, é mantido um certo estado de suspensão sempre que um novo “aviso” vem endossar o anterior, até que haja um desenlace da experiência como um todo:

Como vocês compreendem essa ideia de agouro? O que significa pra vocês? Já vem de velho, já. Vem dos trocos veios do meu avô. **E eles sentavam com vocês pra conversar sobre isso?** [Q]: Eles diziam e a gente ficava escutando. Eles diziam à mãe da gente e a gente, que era mais novo, ficava escutando. Aquilo ali ele tava na cabeça, aquilo ali já. **E como é o agouro pra vocês, como ele ocorre, como ele acontece? É uma sensação que se tem?** [L]: Eu tinha um pressentimento que eu ia perder meu filho e perdi ele. Eu sentia direito que ele ia morrer. Eu dava conselho a ele, dizia pra ele não sair, ele dizia que era eu que tava com depressão. Não ia acontecer isso, que ele andava direito. Eu sempre sonhava. Via ele na beira de uma pista caído, sempre eu sonhava. No dia, na hora que ele caiu lá eu tava deitada no colchão aqui na sala, que eu botava pra esperar ele. Aí na hora que ele caiu me deu uma agonia, até chamei mãe pra fazer um chá, uma garapa pra eu tomar, que eu tava com agonia, tava passando mal, [porque] achava que era alguma coisa que tinha acontecido com ele. Aí, quando foi com uma meia hora, a mulher bateu na porta pra dar a notícia (Dona Quitéria e Dona Lúcia, nov. de 2021).

Especialmente para Dona Lúcia, que desde nova *tem aviso*, é possível localizar no tempo e no espaço quando e como essas experiências começaram a ser um fato na medida em que elas foram acontecendo e se concretizando, ou seja, no momento em que elas foram se constituindo enquanto eventos significativos. E assim, como toda experiência, os avisos envolvem sensações, sentimentos (ou pressentimentos) que não são meras reações a coisas externas de quem as vive, são emoções ou “pensamentos incorporados” (Rosaldo, 2019).

O que fica evidente é que essas relações entre os vivos e os mortos envolvem a natureza e a sobrenatureza que os cercam, compreendendo toda uma cosmologia. Mas, além de regras e valores morais vigentes em sociedade ou da morte próxima de algum parente, e até boas novas, que dizem respeito às relações de parentesco, os avisos podem informar sobre a morte próxima da própria pessoa que os tem, assim, quando dizemos que eles podem ocorrer em momentos específicos, embora sempre inesperados, é que há o reconhecimento na comunidade de que, próximas à morte, as pessoas podem ver seus entes queridos, e vê-los indica que o momento da morte está próximo:

E mamãe, quando tava perto de morrer, viu o menininho dela. **Que menininho?** Não morreu um menininho dela? Bebezinho? Ele veio, ele vêi onde ela tava. Eu vi. Eu vi na hora em que ele vêi. Tu acredita que ele veio visitar ela? **A senhora viu como?** Eu tava na cozinha e só vi ela: “Chegue meu fi, chegue, deite aqui, chegue, deite aqui mais eu”. Desse jeito. Eu dizia: “Mamãe, quem é mamãe?” Ela: “É meu fiinho, meu menino que vêi me visitar”. E eu dizia: “Quem é o menino da senhora?” [Ela:] “Meu menino...”. Aí fazia: “Chegue, chegue”. Aí ficava com as mãozinha aberta, assim, pra ele, olhando pra cima. Eu dizia: “Mamãe, a senhora tá vendo Paulo?” Ela dizia: “É, eu tô vendo meu Paulo”. E ele veio, ele veio visitar ela, bem pertinho dela morrer. Na semana dela morrer, no sábado, no meio da semana esse menino vinha direto. Por isso que eu digo que quando a pessoa morre, morre feliz, né? Tem as pessoas queridas que vem ver a gente, vem visitar. Madrinha Dora, irmã de tia Celeste veio, mas com Madrinha Dora ela se abusava, com Madrinha Dora. **Ela dizia como?** “Sai, Das Dores, daqui! Sai muié!” Eu digo: “Quem é mamãe?”, “Das Dores, que fica forçando, me chamando!”. Só que o menino dela... era bonito, ela falando do menino dela. Ela abria o braço e chamava ele de cima, assim: “Chegue meu fi”. Aí ficava como quem tava com ele no colo, sabe? Ficava chamando, ria pro menino. Era um negócio impressionante, viu? Quando uma pessoa tá bem pertinho de morrer, a gente vê ela fazendo essas coisas. E Ciço [o marido] fez muito. (...) E ele não tava [aparentemente muito] doente... mas ele já tava, ele tava se acabando de pouquinho e a gente não via, né? Tomava remédio, comia, mas a gente não percebia. [E depois] a gente percebe que ele vai ficando meio doente porque oito dias antes ele ficava vendo essas coisas. (...) E nesses três [últimos] dias, a vida dele era essa, todo mundo vindo visitar ele, os mortos, sabe? Nunca vi tanto morto aqui. Era gente, viu?! Era pai, era mãe dele, irmão, irmão Luiz. Ela chamava irmão Luiz. E nesse dia de Janu [quando Janú apareceu pra ele] foi sinistro. Eu só via ele conversando, conversando, conversando, chega era cansado conversando. Eu dizia: “Ciço, não converse não que você tá com oxigênio no nariz, não fique falando não, pra não cansar” (...). Nós se batia direto [ela e os mortos], mas eu não tinha os poder de ver. E Ciço era com os olhos fechados, viu? Ele não abria o olho não. (Luzia, out. de 2022).

Sendo assim, na forma dos *avisos*, é possível saber sobre o momento da própria morte, como diz D. Celeste: “Tem gente que sabe, que conhece quando vai morrer, tem muita gente experiente.” (Out. de 2021). Essa sabedoria, restrita a poucos, é uma capacidade louvável e está atrelada, de certa forma, ao valor que define o que é morrer em paz ou em sofrimento. O que se pode verificar no “santinho fúnebre” em memória de Maria Izabel Marques (Figura 1), a qual “anunciou sua morte próxima” e “faleceu placidamente na paz do Senhor”.

Figura 1 – Santinho fúnebre em memória de Maria Izabel Marques



Fonte: Arquivo de dona Celeste

O “medo da morte” e o sofrimento impressos em muitas das falas transcritas até aqui, as quais envolvem diferentes sujeitos e sentidos, informam sobre valores que são mobilizados no momento da morte: morrer em casa/no hospital; acompanhado/sozinho; demorar a morrer ou sofrer ao morrer, morrer “placidamente”. Mas, ainda assim, para a grande maioria das pessoas, o medo da morte não se deve ao fato dela ser dada como certa, pois dessa certeza se tira apenas que “um dia” ela acontecerá e não se sabe quando. O que gera certo sentimento de angústia em Pelo Sinal é a certeza da morte diante da sua imprevisibilidade, pois, como já disse Seu Emídio: “a morte é uma coisa muito invisível, não se espera”.

No entanto, como fica explícita na fala de Dona Angelita, parece que a morte também traz a “felicidade” do reencontro com as pessoas queridas já mortas, dando, inclusive, certo controle àquele que ainda vive, uma espécie de coragem para o momento final, e que é mediada pelos avisos:

Aí ele me chamou na época, parece que ele adivinhava que ia morrer. Acho que ele via a irmã dele, uma que morreu. Aí ele dizia, que tava perto de morrer. E eu dizia: “Agora pronto”. (...) Aí foi tanto que no dia em que ele faleceu, ele saiu daqui, chamou meu filho (esse que morreu também), ele chamou ele e disse: “Meu filho, pegue o carro, vamos em Afogados, eu vou na Casa de Saúde”. Passou em Aparício [no supermercado de um amigo], se despediu de todo mundo (que as meninas, uma delas veio aí e chorava feito criança, que ele agradava elas, comprava coisa, lanche pra elas, tudo...). Eu sei que se despediu de tudo, chegou na Casa de Saúde [e] lá Dr. Edson atendeu ele. Diz que ele tava com um problema no coração, acho que o coração dele tava bem fraquinho. Aí ele tava num quarto mais um enfermeiro, com um soro no braço, aí diz que o enfermeiro disse: “Corre que o veinho da cabeça branca tá morrendo”. (Dona Angelita, jan. de 2022).

Possibilitando, finalmente, uma compensação das angústias próprias do momento da morte, aos avisos é necessário um “prestar atenção” naquilo que se configura como “expressão de uma força coletiva” que, ao ser compartilhada, demanda uma ação simbólica capaz de produzir algo mais do que convenções, porque são eminentemente eficazes e criadoras (Mauss, 2003, p. 142). Desse modo, as palavras de Seu Emídio, a seguir, resume o que esse trabalho pretendeu mostrar no que se refere às sensibilidades próprias de cada grupo humano em seu contexto particular, tendo em vista o fenômeno da morte:

Eu sei que tem muita coisa que dá aviso, que dá aviso a pessoa. É porque, às vezes, a pessoa não entende, outro, às vezes, que entende, não quer acreditar, mas [tem] muitas coisas que avisa. Precisa prestar atenção e, depois, se ver passar aquilo ali, lembrar e contar que viu aquilo ali e aconteceu. É quando começa dando crença. Eu dou crença à muita coisa. Existe muita coisa. Olhe, minha filha, eu vou falar uma coisa: no mundo de Deus existe o que é bom e o que é ruim. Hoje nós tamo num tempo que, talvez, exista mais o que é ruim do que o que é bom, porque tá muito evoluído o tempo. Do tempo que eu me criei pro tempo de agora, tá muito evoluído. Mas, a gente vai vivendo e vai vendo. Um vai colhendo aquilo ali e vai contando pra alguém. Outros que, às vezes, vê passar... às vezes vai passando uma pessoa ali, caiu, você deu fé, pronto, faz de conta que nem caiu, [af] aquilo ali você não conta pra ninguém. Já [tem] outro que pensa assim: “Fulano caiu, fulano levou uma queda grande, uma queda medonha”. Porque você prestou atenção àquilo ali. Outro viu cair, mas nem... então, ninguém vai saber. Eu gosto de ver as coisas e prestar atenção nas coisas. **Porque as “coisas” ensinam, pra gente?** Ensinam. Uma coisa ensina outra. (Seu Emídio, out. de 2021).

*

Como o que foi descrito até aqui, procurei situar brevemente o campo de pesquisa e o objeto de minha reflexões, os *agouros* de morte. Também descrevi a maneira como os *agouros* estão associados a *superstições* e como isso é mobilizado em diferentes discursos. Foi apresentado ainda como no curso da pesquisa, os significados e as categorias nativas se confrontam com percepções preestabelecidas e como esses significados superam de maneira dinâmica e dialética essas percepções. Na segunda parte, desenvolvo algumas maneiras como a morte e os mortos se apresentam para a comunidade, no sentido de uma cosmologia católica, que diz respeito às relações entre os vivos e os mortos. Em seguida, consideramos não mais dos agouros, e sim da noção atualizada na experiência dos “avisos”, que demandam uma ação simbólica e reflexiva dos sujeitos. Dessa forma, os “avisos”, juntamente com as relações de reciprocidade, compõem um sistema de comunicação *com* os mortos e *sobre* a morte.

Como produto das relações compreendidas nesse sistema, foi possível observar na comunidade a existência de um repertório de imagens que diz à morte e aos mortos.

Porém, como essas imagens são construídas a partir de vários tipos de percepções, que não só a visão, chamei o conteúdo desse repertório de “imagens-afeto”, as quais, uma vez vividas, elaboradas e compartilhadas, tomam a forma de *sonhos*, *visões*, *sinais* e *pressentimentos*, e através dos quais é possível gerenciar as angústias decorrentes da certeza da morte diante da sua imprevisibilidade. No contexto de uma cosmologia católica, sobressai a percepção de que existe um saber fundamental que não seria possível sem a ação simbólica e reflexiva dos indivíduos em comunidade, que é o fato de que as “coisas” (seres, objetos e eventos a eles relacionados) ensinam, mas antes, se faz necessário um “prestar atenção” específico a elas.

Referências bibliográficas

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro. 10ª Edição, 2005.

CASTRO, Viveiros de Castro. O medo dos outros. *Revista de Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Concílio Vaticano II. Rio de Janeiro: Vozes/Loyola, 1993.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 147, p. 69-78, Out-Dez, 2001.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª edição Rio de Janeiro, 1997.

DAWSEY, John C. Victor Turner e antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 163-176, 2005.

FRAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13: 155-161, 2005.

FIALHO, Vânia Rocha. Povos tradicionais no sertão semiárido: uma leitura a partir do princípio da pluralidade.

KUPER, Adam. *A reinvenção da sociedade primitiva: transformações de um mito*. Recife: Editora Universitária, 2008.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. O que é imaginário. 1ª edição Ebook. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*, nº 15, Porto Alegre, agosto, 2001.

MARIN, Jérri Roberto. *Circunscrições eclesiais católicas no Brasil* [recurso eletrônico]: articulações entre igreja, Estado e sociedade / organizador. Campo Grande: UFMS, 2021.

MAUSS, Marcel. *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

- MOREIRA, G. *Sertões Contemporâneos: Rupturas e continuidades*. Salvador: EdUFBA/EdUneb, 2018.
- PEIRANO, Mariza. *A análise antropológica de rituais*. In: O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- PITTA, Danielle Perin Rocha. Imaginário, cultura e comunicação. *Labirinto*, ano IV, nº 6, Jan-Dez, 2004.
- REESINK, Mísia Lins. Reflexividade Nativa: quando a crença dialoga com a dúvida no período de Finados. *MANA*, v. 16, n. 1, p. 51-177, abr. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132010000100007>.
- _____. Por uma perspectiva concêntrica do catolicismo brasileiro. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 17, v. 24, n. 2, 2013.
- _____. Quando lembrar é amar: tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos. *Etnográfica [Online]*, vol. 16, n. 2, p. 365-386, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/1535>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.1535>
- _____. “Rogai por nós”: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 29-57, 2009.
- ROSALDO, Michele Zimbalist. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 54, dez., 2019.
- SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. *Avá Revista de Antropología*. n. 17, Universidad Nacional de Misiones, Argentina, 2010.
- SOUZA, Candice Vidal e. 1997. *A Pátria Geográfica. Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro*. Goiânia: Editora UFG. 1997.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, 2010.